

## E as Elites? *And the Elites?*

João Sá

*“Portugal avançou e cresceu sempre que as elites, interpretando a vontade popular, o guiaram em comunhão plena”*

Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República, 10/06/2016

Nas décadas mais recentes da história portuguesa construir ou integrar uma elite estigmatizava. Esta atitude, ainda hoje comum, tem sido fruto do protagonismo de escolas de pensamento social e político que, preconceituosamente cultivam teorias de igualitarismo absoluto que em momento algum existiu.

Durante os anos da minha adolescência e juventude, em período de férias numa vila da Beira Alta (Moimenta da Beira) fronteira entre a meseta granítica e o Douro Sul, tive a oportunidade de conhecer um grupo, minoritário, de personalidades prestigiadas por cultura, fortuna ou posição social. Eram os mais conhecedores da vida, sabedores e populares: professores, advogados, magistrados, agrónomos, veterinários, proprietários rurais e comerciantes mais abastados, por vezes o sacerdote e, inevitavelmente, o médico. Esta tertúlia reunia-se no mesmo café sempre ao início das tardes percorrendo a política (guerra africana, ameaça soviética, oposição democrática, ainda Humberto Delgado), as letras (Mestre Aquilino Ribeiro, homem da região), as artes, a economia (rural), as obras de envergadura (Barragem do Vilar ali tão próxima), as viagens, algum desporto (Futebol 1966) entre outros temas avulsos. Os mais novos, como eu, rodeavam os veteranos, e ouviam com atenção e respeito, ávidos de conhecimento e experiência. Lembro que, nestes anos, rádio, jornais e livros, para além da conversa, constituíam as fontes essenciais do conhecimento. Estas elites locais eram aceites com normalidade, frequentemente com satisfação e orgulho pelas comunidades. Com uma condição: deveriam ser próximas do povo, acessíveis e solidárias, evitando atitudes de cariz oligárquico. Nunca me apercebi que da sua existência decorresse algum mal pessoal ou dano social.

Hoje quase são venerados os desportistas de elite, e admirados os militares cuja formação exigente e o destemor perante o perigo lhes abre as portas do elitismo. E em todas as profissões e artes existem aqueles que são considerados superiores.

Na época a que me referi os médicos dispunham de um prestígio social que decorria da posse de conhecimentos e do exercício de práticas (entendidas como quase mágicas) dominadores pela influência que poderiam exercer na vida de cada um e de todos.

Nessas décadas, como nos dias de hoje, a educação humanística e técnica de boa intenção e qualidade, era e tem sido a semente do progresso das sociedades e nações, e as elites, quase espontaneamente geradas, um motor de inovação e desenvolvimento.

Na sua derradeira lição do Curso de Clínica Cirúrgica de 1949-50 Reynaldo dos Santos, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, explorou o tema formação das elites e o papel do ensino superior nessa preparação. Referia Reynaldo “uma das virtudes que tem caracterizado o pensamento médico é a sua independência de espírito, e essa independência, filha da sua formação mental no método científico, é uma condição essencial para o progresso das ideias”, E adiante “o homem da ciência, pelos hábitos mentais de livre crítica, está por isso sempre à beira do não conformismo...”. Como investigador na ciência e na arte, dotado de um espírito

esclarecido, diríamos hoje estrategicamente antecipatório, referia o ilustre académico há mais de seis décadas “Ainda hoje, quando a Europa se debate nas incertezas do futuro, no ocaso do seu poder militar, financeiro, industrial e comercial, o refúgio que lhe resta, se quiser manter um papel primordial na hierarquia das nações, é fazer da sua cultura e das criações do espírito, da sua Arte e da renovação científica, a missão do seu destino”.

Colapsam hoje figuras anteriormente quase veneradas na política, na economia e na finança. E diz Marcelo Rebelo de Sousa “mesmo quando algumas elites, ou melhor, as que como tal se julgavam, nos falharam...”. Sobre as individualidades que têm ocupado altos cargos da governação confidenciava-me um dos meus doentes “nunca leram os clássicos!”.

Na Medicina Nacional não estamos muito melhor. De um oceano de questões negativas com efeito depressivo (em sentido orgânico) sobressai a crise da liderança clínica. Esta está habitualmente alicerçada na educação e na cultura que extravasa os limites da profissão, conduzida por estilos e personalidades que urge adivinhar e promover. Os médicos devem assumir uma atitude elitista com certeza e humildade. E com responsabilidades ilimitadas. Lembro que desde há séculos as comunidades nos autorizam a explorar o espaço designado de intimidade física (60 cm à volta do corpo) para que seja possível diagnosticar e tratar. E o escrutínio do espírito, sem dúvida tão complexo quanto essencial, também lhes é permitido.

Os internistas são um grupo à parte no conjunto das disciplinas médicas. Intervêm em todos os cenários, no hospital e fora dele, em alerta permanente, preparados para liderar e protagonizar as operações clínicas mais complexas, incertas e arriscadas, orientando os outros médicos, fornecendo um lastro de segurança que lhes permitirá o brilho e a excelência.

Internistas são os parceiros dos doentes nos momentos mais difíceis, no início da doença e no fim da vida, depositários dos segredos mais preciosos transmitidos nos cenários mais sofridos, em actos de dramas humanos que acompanham padecendo também.

E os internistas estão sempre com os seus heróis (os doentes) olvidando por vezes os outros heróis que os aguardam em casa. Estão bem ainda que não imunes ao lapso e ao erro, estão com intensidade humana, estão desinteressadamente desprezando vantagens materiais ou fiduciárias, estão resilientes nas adversidades, desprezando confortos e comodidades.

Conscientes da vastidão da missão empregam a insatisfação como estímulo e método, bebendo permanentemente saberes antigos e novos nos oráculos, em papel e na nuvem (o não conformismo de Reynaldo dos Santos).

Existe de facto uma elite, a que descrevi, a dos Médicos internistas, venerando os princípios da responsabilidade, da humildade, da dádiva, da exigência pessoal, do desinteresse material e do respeito por todos.

E assim continuaremos a ser.

Hospital da Luz, Lisboa, Portugal